

# 18

## Da fala para a escrita – discurso e oralidade

Mayara Suellen de Sousa-Miguel

Universidade de São Paulo

### Introdução

Quando pensamos nos fenômenos relacionados à oralidade, precisamos ter em mente a língua falada e a língua escrita, não como modalidades em polos opostos e variações estanques. Precisamos ter claro o conceito de que no interior dessas modalidades há variações, que podem ser causadas pelos usos da linguagem enquanto práticas sociais ou por suas condições de produção.

Para a análise do *corpus*, nossos estudos fundamentam-se em conceitos teóricos da Análise do Discurso, Análise da Conversação, Sociolinguística e Pragmática, consultando os trabalhos de autores, como: Marcuschi (1993, 1995, 2004 e 2007), Koch e Oesterreicher (1985, 2007), Charaudeau (2007, 2008), Koch (1997, 2008), Ong (1998), Preti (1983, 2004), Dias (1996), Urbano (1998, 2000, 2006 e 2011), Fávero (2009). Tais autores pesquisaram e desenvolveram profundos e perspicazes estudos sobre as relações entre a fala e escrita, essenciais para nosso trabalho.

Segundo Marcuschi “As diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais e não na relação dicotômica de dois polos opostos” (MARCUSCHI 1995, p.13). Sobre tal oposição, Marcuschi (2007) explicita que as relações entre fala e escrita precisam ser ponderadas na amplitude das práticas comunicativas e dos gêneros textuais. Para o autor, não se podem analisar tais relações de modo dicotômico, pois cada variante tem suas particularidades.

Sobre tais particularidades, Halliday (1985) aponta, por exemplo, entre outros argumentos, que o texto escrito possui maior densidade lexical e o texto falado, por outro lado, maior complexidade sintática. Assim, “fala e escrita apresentam tipos de complexidade diferentes” (KOCH, 1997, p.61).

O contexto é determinante para a escolha da utilização da fala ou da escrita. Para Halliday (2002, p. 340), a fala e a escrita como formas de discurso são geralmente associadas a dois pontos modais no contínuo, da linguagem espontânea até a auto-monitorada, entendendo o discurso espontâneo como o, comumente, falado e o discurso auto-monitorado como o escrito.

A fala e a escrita, de acordo com Marcuschi “mantêm complexas relações com as representações e as formações sociais” (MARCUSCHI, 2007, p.35). A fala e a escrita são formas de representação cognitiva e social que se confirmam por intermédio de práticas particulares, deste modo não se considera uma superior a outra.

Para se categorizar os diversos tipos de texto que se apresentam ao longo do contínuo, Koch e Oesterreicher aconselham “a utilização, além do critério do meio, oral ou escrito, do critério da proximidade / distância (física, social, etc.)” (KOCH & OESTERREICHER, 1990, *apud* Koch, 1997, p.61). Pois, de acordo com Koch (2008), as características de uma ou outra forma de linguagem não são exclusivas. Podemos observar as características da fala e da escrita neste quadro proposto por Koch (2008), numa disposição dicotômica, de duas colunas, apenas por argumentação didática:

### Quadro 1. Fala x escrita

Fala	Escrita
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita
Redundante	Condensada
Não-planejada	Planejada
Predominância do “modus pragmático”	Predominância do “modus sintático”
Fragmentada	Não-fragmentada
Incompleta	Completa
Pouco elaborada	Elaborada
Pouca densidade informacional	Densidade informacional
Predominância de frases curtas, simples ou coordenadas	Predominância de frases complexas, com subordinação abundante
Pequena frequência de passivas	Emprego frequente de passivas
Poucas nominalizações	Abundância de nominalizações
Menor densidade lexical	Maior densidade lexical

Fonte: Koch (2008, p. 68).



estruturação, embora pertençam, de maneira geral, ao mesmo sistema linguístico.” (URBANO, 2011, p.41). Por isso é necessário levar-se em conta o contexto interacional, as características e as condições de produção da língua falada e escrita para se ter clareza sobre os elementos que as diferem.

Quando pensamos no texto escrito, podemos afirmar sobre as condições de produção que não há participação direta do leitor em sua construção; desse modo, o escritor normalmente antecipa as réplicas do leitor para quem ele discorre. O distanciamento no tempo e no espaço entre escritor e leitor faz com que aquele tenha mais tempo para planejar, revisar ou modificar o que escreve.

## 1 O texto escrito

Podemos resumir a definição do texto escrito como aquele que é produzido graficamente em um suporte físico, como o papel ou similar e recebido pelo interlocutor de modo visual. Já quanto à concepção, podemos inferir que o texto escrito seria aquele concebido com maior elaboração e cuidado. O jornal impresso seria, até alguns anos atrás, um exemplo clássico na composição da linguagem escrita. Nossa análise mostra, no mais, que o jornal escrito como conhecíamos está no *continuum* com variações em sua linguagem, agora com marcas de oralidade em seu texto escrito.

A escrita, segundo Marcuschi (2007), é uma nova maneira de armazenar o conhecimento e poder expressá-lo com um controle formal que a fala não permitiria pela sua concomitância entre produção mental e expressão verbal. A escrita é a reprodução da língua por meio de signos gráficos. Trata-se de um código de comunicação de segundo grau com relação à linguagem, que por sua vez é um código de comunicação de primeiro grau, pois a fala se desenrola no momento e esvanece; já a escrita tem o suporte físico e gráfico, que a mantém.

Dubois e colaboradores partilham da ideia de texto escrito como “conjunto de enunciados linguísticos submetidos à análise: o texto é então uma amostra de comportamento linguístico que pode ser escrito ou falado” (DUBOIS e colaboradores, 1978. p.586). Na compreensão seguida por esses linguistas, o texto seria formado por um conjunto de enunciados, sem consideração, em princípio para com os componentes que extrapolam os limites do texto, como o contexto.

Halliday e Hasan quanto à concepção do texto escrito vão além, levando em conta o aspecto interativo do texto e entendendo-o como “uma unidade de uso da língua em uma situação de interação” (HALLIDAY E HASAN, 1976. p.293). Assim, o texto escrito seria algo mais bem pensado, não como uma unidade gramatical, mas antes como uma unidade de tipo diferente: uma unidade semântica. A unidade que o texto tem é a integração de sentido em contexto, uma organização que expressa o fato de que ele se relaciona como um todo com o ambiente no qual está inserido.

Ainda, a partir do parecer apresentado por Dubois e colaboradores, Marcuschi (2008. p.72) entende o texto não apenas como um “comportamento linguístico”, mas uma “ação linguística”, em que suas fronteiras estão vinculadas ao mundo em que surgem e funcionam, quer dizer, não pode ser analisado basicamente pela frase em si (morfo sintaxe), mas necessita, na compreensão do autor, levar em consideração os elementos que abrangem a sua produção, o contexto e os interlocutores.

Ong formula uma ideia, que, em princípio, não tem pleno consenso:

Sem a escrita, o espírito letrado não conseguiria nem poderia pensar como pensa, não só quando se engaja na escrita, mas também quando expressa seus pensamentos na oralidade (ONG, 1998. p.93).

Para Marcuschi (2008), o texto nasce das “ações sociais”, das relações que possuímos com as outras pessoas. O autor adota uma perspectiva sociodiscursiva, na qual a língua, seja falada ou escrita, não acontece de modo descontextualizado, mas sim como produto das relações que temos uns com os outros e dentro de um contexto. Assim, o texto pode ser definido como uma tríade na qual se unem ações linguísticas, sociais e comunicativas. Adotando por base os princípios da Linguística Textual, o texto possui algumas especificidades que precisam ser levadas em consideração para uma análise adequada. Marcuschi explicita tais especificidades:

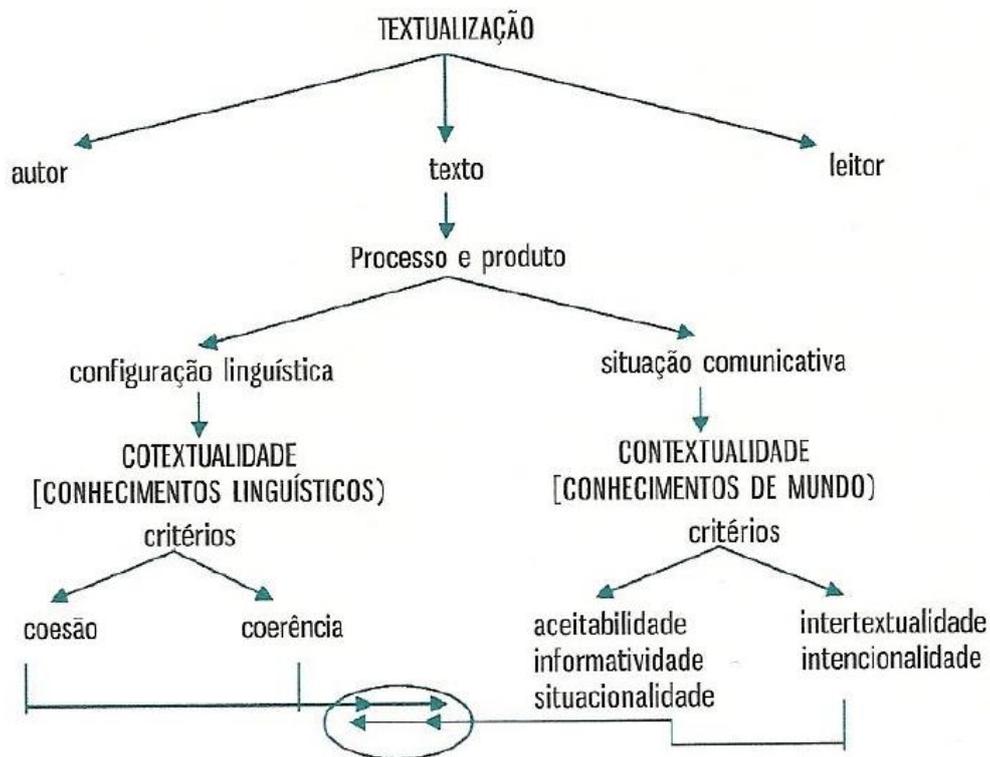
- O texto é visto como um sistema de conexões entre vários elementos, tais como: sons, palavras, enunciados, significações, participantes, contextos, ações, etc.;
- O texto é construído numa orientação de multissistemas, ou seja, envolve tanto aspectos linguísticos como não linguísticos no seu processamento (imagem, música) e o texto se torna em geral multimodal;

- O texto é um evento interativo e não se dá como um artefato monológico e solitário, sendo sempre um processo e uma coprodução (coautorias em vários níveis);
- O texto compõe-se de elementos que são multifuncionais sob vários aspectos, tais como: um som, uma palavra, uma significação, uma instrução, etc. e deve ser processado com esta multifuncionalidade (MARCUSCHI, 2008, p. 80).

Assim, pode-se afirmar que um texto não é produzido nem pode ser compreendido apenas no plano da linguagem, há outros elementos inerentes formadores de um texto, como a cultura, a história, a sociedade, os sujeitos interlocutores, etc. Esses elementos serão retomados e servirão de base para delimitar os critérios de textualidade apresentados, que não devem ser entendidos como “princípios de boa formação textual”, pois não existe uma “receita” única e pronta que deve ser seguida na produção de um texto, ou seja, não significa que não respeitando algum (ou até mesmo mais de um) dos critérios apresentados, não se tenha um texto. Segundo Marcuschi “o que faz de um texto ser um texto é a discursividade, inteligibilidade e articulação que ele põe em andamento” (MARCUSCHI, 2008, p.81) e que aparecerão sempre nas condições particulares de produção de cada texto. Os critérios de textualidade são, portanto, uma tentativa de apontar as relações linguísticas, sociais e cognitivas (que não são estanques e paralelas) envolvidas na construção textual.

Marcuschi (2008) propõe o seguinte esquema em que apresenta a distribuição dos critérios de textualidade:

### Quadro 3. Textualização



Fonte: Marcuschi (2008, p. 88).

Destacamos que o texto é uma unidade linguística de qualquer extensão (VAL, 2006, p.03), de modo que uma palavra pode ser suficiente para estabelecer a comunicação entre os interagentes da troca comunicativa, pois equivale a outros textos, dotada de “textualidade” ou “textura”, quer dizer, do ingrediente necessário à existência do texto.

Koch e Travaglia (1993) dizem ser a “textualidade” ou “textura”: “(...) o que faz de uma sequência linguística um texto e não uma sequência ou um amontoado aleatório de frases ou palavras”, portanto, a responsável pelo fato de o texto ser aquilo que é.

Val (2006, p.05) compartilha da mesma ideia e acrescenta, com base em Beaugrande e Dressler, que a textualidade implica sete fatores, a saber: a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade, a coesão, a coerência e a intertextualidade, conhecidos como os “fatores pragmáticos da textualidade”, dos quais trataremos na sequência.

A escrita está vinculada à escolaridade; é uma técnica complexa que requer destreza e condição motora do indivíduo em sua aquisição. Contudo, não se podem separar as duas modalidades: fala de um lado e a escrita de outro, como se fossem duas realidades distintas e situadas em dois extremos.

As relações entre elas são extensas e, ao contrário do que muitos pensavam, há mais semelhanças do que contrastes entre a língua falada e a língua escrita.

Pode-se dizer que a oposição entre as duas modalidades concentra-se no contexto, no texto e na funcionalidade; uma conferência oral, por exemplo, está mais próxima de um texto escrito acadêmico pela utilização de vocabulário específico, técnico, culto, até mesmo erudito, e por construções frasais complexas, com grande número de orações subordinadas, enquanto, diferentemente, conversas *on-line*, que são escritas, por exemplo, assemelham-se mais a um bate-papo entre amigos numa mesa de bar, em que há frouxidão na sintaxe, vocabulário limitado, construções frasais simples, frequentemente articuladas por: *e* e *mas* que, na linguagem falada funcionam, muitas vezes, mais como marcadores conversacionais do que como conectivos.

Há comunicações escritas que são intermediárias, já que se situam num *continuum* entre a fala e a escrita em termos de concepção: são cartas familiares, mensagens eletrônicas. São textos que estão a meio caminho do que é característico da fala e da escrita.

Assim, apesar de a língua falada ter natureza distinta da língua escrita, elas não são estanques, havendo influências de uma sobre a outra. Marcuschi (2001, p.18) elucida que qualquer povo tem tradição oral, mas apenas alguns têm a tradição escrita que acaba sendo mais estimada socialmente do que a fala. Todavia, esse autor mostra a relevância que cada modalidade possui na sociedade, não havendo primazia de uma sobre a outra: Contudo, mais urgente (e relevante) do que identificar primazias ou supremacias entre oralidade e letramentos, e até mesmo mais importante do que observar oralidade e letramentos como simples modos de uso da língua, é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e falada) de um modo geral. Essas práticas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e das práticas do letramento numa sociedade e justificam que a questão da relação entre ambos seja posta no eixo de um contínuo sócio-histórico de práticas. Esse contínuo poderia ser traduzido em outras imagens, por exemplo, na forma de uma gradação ou de uma mesclagem.

Urbano explica essas situações nas quais fala e escrita compõem textos que se acionam:

*Há, na verdade, textos escritos que se parecem com "falas", dada a presença neles de marcas de oralidade e de linguagem popular. Isso acontece, ou por ignorância e despreparo daquele que escreve em relação às normas da língua escrita, ou por uma questão consciente de estilo. O inverso também pode ocorrer: textos falados que reproduzem uma estruturação frásica e cuidados próprios da língua escrita. Aqui o fato se explica, entre outras razões, pelos hábitos linguísticos arraigados, adquiridos por força de vários fatores, e transferidos natural e inconscientemente para o uso da fala diária. (URBANO, 1998, p.131).*

Sobre esse fato, outro aspecto pode ser notado: o de que todo usuário da língua, num contexto de comunicação, para entender seu interlocutor e ser entendido por ele, necessita entender a adequação de assunto e de linguagem. Se isso não ocorrer, há o risco de a comunicação não ser instaurada com eficácia. Na escrita, esse fato também pode se repetir se o escritor ou o redator não tiver receptividade do seu texto pelo leitor. Quanto maior o grau de escolaridade, menor ou quase nenhum traço de oralidade terá o texto; quanto menos escolaridade possuir o leitor, maior será o grau de oralidade. Isso em jornais tradicionais que têm público mais escolarizado e podem estruturar suas informações em textos mais formais e complexos. Jornais populares, com público de nível cultural mais baixo, fazem uso de expressões recorrentes na língua falada e têm estruturação frasal mais simples. Esses aspectos linguísticos são fenômenos habituais nesse tipo de publicação.

Tomemos como exemplo manchetes publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, 1ª página, e no *Jornal da Meia Hora de Notícias*; ambas publicadas no dia 14 de setembro de 2014. As capas tratam do tema violência: a primeira trata de um ataque violento ocorrido na cidade de Campinas; já a segunda capa trata de golpes praticados por mulheres em festas.

Figura 1



Fonte: Folha de S. Paulo (2008, 14/09/2014).

O registro linguístico empregado na manchete do jornal é o padrão culto, recomendado pelos manuais de redação, de estruturação clássica de frases na voz passiva. É uma reprodução frásica típica da língua escrita, sem qualquer vestígio que a identifique com alguma característica da língua falada.

Figura 2



Fonte: Meia Hora de Notícias (2008, 14/09/2014).

O oposto acontece na manchete “Bonde das gostosas dá golpe do ‘boa noite cinderela’ nos cuecas” do *Meia Hora de Notícias*, o registro linguístico utilizado é o mais comum ao da fala popular, sem muita atenção ao vocabulário refinado. A manchete escrita apresenta fortes marcas da oralidade que a aproximam de uma linguagem menos preocupada com as regras da gramática e, ao fazer a escolha desse registro, típico das camadas menos escolarizadas da sociedade, o jornal se identifica com o seu leitor, procurando chamar-lhe a atenção por meio da linguagem, para esse contexto de violência.

## 2 O texto falado

A língua falada é uma vantagem e um patrimônio do ser humano; é a forma mais natural e competente da comunicação humana. Por meio dela, o usuário entra em contato com o mundo e com o outro. O modo mais comum de se comunicar e interagir é pela conversação, cujos interlocutores estão em presença.

Para Ong, essa dimensão que a língua falada representa é um fenômeno próprio da existência humana, ele aponta outros fatos que se unem a ela para dar eficiência ao diálogo:

*Os seres humanos comunicam-se de inúmeras maneiras, fazendo uso de todos os seus sentidos: tato, paladar, olfato e especialmente visão, assim como a audição. Algumas comunicações não-orais são extremamente ricas - a gestual, por exemplo. Contudo, num sentido profundo, a linguagem, o som articulado, tem importância capital. Não apenas a comunicação, mas o próprio pensamento está relacionado de forma absolutamente especial ao som. Todos nós ouvimos dizer que uma imagem vale mil palavras. No entanto, se essa afirmação é verdadeira, por que ela é feita com palavras? Porque uma imagem vale mil palavras apenas em certas condições especiais - que comumente incluem um contexto de palavras em que está situada a imagem (ONG, 1998, p.15).*

No cotidiano, a língua falada e a língua escrita estão unidas, estabelecem entre si uma união sem limites claros.

Urbano diz que a língua falada é caracterizada pelo “meio” e pela “concepção” de produção de seus textos, assim:

*A ‘língua falada prototípica’, a língua falada propriamente dita, seria então uma atividade social verbal de produção de texto. É exercida oralmente, graças a um sistema de sons articuláveis, no tempo real, em contextos naturais de produção, incluídos outros elementos de*

*natureza corporal, que preenchem, em teoria, "todas as condições linguístico-textual-discursivas" concebidas para um texto falado. Em outras palavras, possui, do ponto de vista medial, caráter fônico, e do ponto de vista concepcional, as condições de comunicação, que vão permitir as "estratégias de formulação" e imprimir as "marcas de verbalização" ideais de um texto essencialmente falado (URBANO, 2006, p.42).*

Em relação à fala há inúmeros elementos adjacentes, que se unem a tal ação, como:

- Possuir planejamento prévio limitado, feito de modo rápido;
- Ser conduzida de modo espontâneo;
- Possuir elementos paraverbais;
- Ser fragmentada;
- Haver interação, entre outras.

Na fala, não há planejamento prévio total, apenas parcial, pois ela é produzida à medida que se fala. Pode-se pensar apenas sobre o tema ou o assunto, mas o modo de sua realização ao longo do desenvolvimento da conversação não pode ser antecipado. Os falantes não podem prever as hesitações, as interrupções, as repetições, as mudanças do próprio assunto. Urbano (1998, p.134) explica que o planejamento da fala é mutável, que seria difícil sua concepção totalmente planejada e imutável. Porém, logo que o ato conversacional se desenvolve pode acontecer, dependendo do(s) tema(s) abordado(s), um replanejamento no qual se analisa a necessidade de se reestruturar a organização discursiva do texto para que os interlocutores prossigam a colaborar entre si e a participar da conversação.

Na fala, não há preocupação excessiva com a gramática, de tal modo que mesmo não tendo conhecimento intenso acerca das normas. Preti afirma que "a língua falada é organizada, não propriamente como a escrita, mas tem uma gramática própria que os falantes aprendem no uso diário e cujas categorias de análise diferem da gramática da língua escrita" (PRETI, 2004, p.125). As diferenças de organização são observadas, por exemplo, na estruturação das frases: na língua falada os períodos são simples ou com frases justapostas, surgem gírias, frases feitas, clichês, provérbios.

A produção da fala, também, ocorre de modo distinto do texto escrito. A fala é marcada pela presença de dois ou mais interlocutores, cujo assunto da conversação é estabelecido em partes, levando-se em conta, além do aspecto

sonoro, os situacionais. O texto falado é marcado pela espontaneidade, por se demonstrar acessível e explícito durante a sua construção por ser um ato de realização coletiva e também por apresentar caráter impreciso.

Ong explica como os recursos de organização do texto oral são importantes para que o locutor tenha controle sobre o assunto desenvolvido e como estratégia para manter o seu interlocutor atento:

*A necessidade que sente o orador de prosseguir enquanto está repassando em sua mente o que dizer em seguida também favorece a redundância. No estilo oral, embora a pausa possa ser benéfica, a hesitação é sempre prejudicial. Por conseguinte, é preferível repetir algo, se possível engenhosamente, a simplesmente parar de falar enquanto se está à procura da ideia seguinte (ONG, 1998, p.51).*

Marcuschi, porém, tem um modo diferente de analisar as pausas, alongamentos e repetições, pois ele afirma que “uma hesitação, por exemplo, pode ser um convite à tomada de turno, e, por vezes, o ouvinte chega mesmo a concluir o turno do falante numa espécie de coautoria” (MARCUSCHI, 1986, p.27). Ele completa, dizendo que as hesitações servem na organização e planejamento interno do turno e dá ao falante a oportunidade de ele ganhar tempo para se organizar.

O planejamento parcial (ou o não planejamento) é uma das distinções marcantes da língua falada e confere-lhe caráter fragmentário que se constata durante a construção do texto, mas não deixa de lhe dar espontaneidade e intuição que são típicas na fala que não apresenta modelos preestabelecidos, a não ser uma forte relação com o contexto.

No texto falado há um trabalho de colaboração entre os falantes que compõem em conjunto e concomitantemente, por isso não há momento para planejamento prévio; tal planejamento acontece ao mesmo tempo em que a ação dos falantes. Assim, conclui-se que a única etapa real de planejamento prévio de um texto falado é a temática; o seu desenvolvimento será executado de acordo com o contexto, das informações e do conhecimento de cada interlocutor.

Existem informações no texto falado que colaboram para que a conversação se instaure e se concretize. São elementos que servem como recursos de interação, de coesão e coerência. Denominam-se *marcadores conversacionais*, estes podem ser:

- a) lexicalizados: mas, e, certo?, eu acho que, etc. e
- b) os não lexicalizados: hum, hum, ah!

Além desses elementos, há as pausas, gestos, expressões faciais, mímicas. Urbano explica a funcionalidade que os marcadores conversacionais emprestam ao texto falado:

*Esses elementos, típicos da fala são de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional. Mas, não integram propriamente o conteúdo cognitivo do texto. São, na realidade, elementos que ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático. Em outras palavras, são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal (URBANO, 1998, p.85).*

Assim, podemos afirmar que a fala é participativa e interacional. A realização da fala é algo dinâmico, nela há presença de frases mais simples, curtas e quase sempre organizadas em períodos simples ou compostos por coordenação. Tal fato se deve à falta de tempo para o planejamento da fala, pois o texto oral, como já mencionado, é planejado concomitantemente com a ação de falar. A língua falada é mais econômica, pois o contexto já está posto, oposto à escrita em que há certa necessidade de uma melhor explanação de ideias para o entendimento do leitor.

## Considerações finais

Como observamos até aqui, embora existam muitas diferenças entre as modalidades falada e escrita da língua, há textos que estão na faixa do contínuo, como observa Marcuschi:

*Não resta dúvida de que existem textos tipicamente orais e outros que são tipicamente escritos. Também é certo que há certos fenômenos que são mediados pela escrita e outros são mediados pela fala. As práticas sociais criam formas de transmissão do conhecimento apropriadas tanto à cultura como aos modos de produção. Estas duas classes de textos exibirão diferenças sensíveis entre si, mas os textos restantes estarão dentro da faixa de um contínuo. É até provável que não sejam muitas as diferenças essencialmente linguísticas e que a maioria delas seja de processamento, em função do tempo, das*

*condições e dos meios de produção, além das diferenças do tipo de texto realizado* (MARCUSCHI, 1993, p. 71).

Nesse sentido, também se posiciona Urbano propondo:

*A “língua falada prototípica”, a língua falada propriamente dita, seria então uma atividade social verbal de produção de texto. É exercida oralmente, graças a um sistema de sons articuláveis, no tempo real, em contextos naturais de produção, incluídos outros elementos de natureza corporal, que preenchem, em teoria, “todas as condições linguístico-textual-discursivas” concebidas para um texto falado. Em outras palavras, possui, do ponto de vista medial, caráter fônico, e do ponto de vista concepcional, as condições de comunicação, que vão permitir as “estratégias de formulação” e imprimir as “marcas de verbalização” ideais de um texto essencialmente falado.*

*Por outro lado, a “língua escrita prototípica”, a língua escrita propriamente dita, seria uma atividade social verbal de produção de texto. É executada graficamente, graças, basicamente, a um sistema de letras articuláveis, chamado alfabeto, complementado por sinais de pontuação, de acentuação, numéricos etc., que preenchem, em teoria, “todas as condições linguístico-textual-discursivas” concebidas para um texto escrito. Em outras palavras, possui, do ponto de vista medial, caráter gráfico e do ponto de vista concepcional, as condições de comunicação, que vão permitir as “estratégias de formulação” e imprimir as marcas de verbalização ideais de um texto essencialmente escrito.*

*Já no campo do continuum, não há como atribuir aprioristicamente classificações e denominações fixas, podendo-se falar de modo genérico, como já sugerimos antes, em texto “híbridos”, ora mais próximos da imediatez ou da oralidade dotados de marcas ou “signos de oralidade”, no dizer de Borso (1997. p.127), consideradas as ressalvas feitas no início deste texto, ora mais próximos da distância ou escrituralidade (dotados de marcas que podemos conceber como verdadeiros signos da distância ou escrituralidade). Trata-se, nesse sentido, da mistura de elementos diversos que compõem um texto, ou seja, de verdadeiro amálgama textual* (URBANO, 2006. p.42-44).

Vemos, então, que as diferenças entre língua falada e escrita não acontecem de modo simplório. Assim, também afirma Charaudeau (2008) que diz não haver uma oposição clara entre a língua falada e a língua escrita. Para Charaudeau, tais separações são resultado da combinação particular dos componentes de cada situação de comunicação. Por isso, deve-se considerar fatores, como: se os interlocutores estão presentes; se o canal de comunicação é oral ou gráfico; e se a interlocução é concreta ou não. Com base nestes fatores, Charaudeau (2008) descreve duas situações de comunicação: dialogal e monologal.

Na situação dialogal os interlocutores estão presentes fisicamente e há uma condição favorável de comunicação, sendo o canal de transmissão oral e

compreensível por ambos. Na situação monologal, os interlocutores não estão presentes fisicamente e o canal de comunicação pode ser oral ou gráfico. Nessa situação, o locutor não pode perceber imediatamente as reações do interlocutor, somente idealizá-las.

Estudos têm apontado a necessidade de um distanciamento da visão dicotômica sobre a relação entre fala e a escrita, pois ambas se aglutinam em torno de um intrincado quadro de variação. Assim, pode-se confirmar a ideia de contínuo, pois podemos confirmar que não há diferenças essenciais e, sim, uma gradação nas relações entre as modalidades, o que remete ao caráter multifacetado dessas diferenças.

Por isso há dificuldade em distinguir se o discurso produzido deve ser considerado falado ou escrito. Um exemplo é a notícia de um telejornal, que aparece na forma falada, porém é a leitura de um texto escrito. Ou a publicação de uma entrevista, que originalmente foi produzida na forma oral, mas, ao ser publicada toma a forma escrita.

No caso das notícias de jornais populares, elas trazem uma série de marcas em comum com a conversação espontânea, como a utilização de muitos pormenores, a presença da linguagem informal, a representação gráfica de sons (aliteração), gírias, provérbios populares, frases feitas, envolvimento, dentre outros. A utilização desses recursos da oralidade no texto do jornal popular torna a leitura mais envolvente e familiar, o que a aproxima da conversação espontânea.

## Referências

- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso** - modos de organização. Tradução Ângela M. S. Corrêa, Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. 2. ed. Tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.
- DIAS, Ana Rosa Ferreira. **O discurso da violência** - as marcas da oralidade no jornalismo popular. São Paulo: Cortez, 1996.
- FÁVERO, Leonor ET AL. **Oralidade e escrita** - perspectivas para o ensino da língua materna. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.
- HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to functional grammar**. Londres: E. Arnold. 1985.
- HALLIDAY, M.A.K. **On Grammar. Collected Works of M. A. K. Halliday** (vol. 1), ed. By Jonathan Webster. London: Continuum: 2002, 323-351.

- KOCH, Ingedore G.V. **Interferência da Oralidade na Aquisição da Escrita**. In: Trabalhos em Linguística Aplicada. Campinas, (30.): 31-38, Jul./Dez. 1997.
- KOCH, Ingedore G.V. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Sprache der Nähe - Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte**. In: *Romanistisches Jahrbuch*, 36. Berlin; Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1985, p. 15-43.
- KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Lengua hablada en la Romania**. Español, Francés, Italiano (Biblioteca Románica Hispánica. Estudios y Ensayos; 448). Madrid: Gredos, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O tratamento da oralidade no ensino de língua**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, texto mimeografado. 1993.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e Escrita**. Conferência apresentada no II COLÓQUIO FRANCO-BRASILEIROS SOBRE LINGUAGEM E EDUCAÇÃO, na Universidade federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 26-28 de Junho de 1995.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais e ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In KARWOSKI, Acir Mário.; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. Orgs. *Gêneros textuais reflexões e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita - atividades de retextualização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papyrus, 1998.
- PRETI, D. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- PRETI, D. **A linguagem proibida - um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: t. A. Queiroz, 2004.
- URBANO, Hudinilson. **Variiedades de planejamento no texto falado e no escrito**. In: PRETI, Dino (Org.). *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1998. p. 131-151.
- URBANO, Hudinilson. **Oralidade na literatura (O caso Rubem Fonseca)**. São Paulo: Cortez, 2000.
- URBANO, Hudinilson. **Usos da linguagem verbal**. In: PRETI, D. *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- URBANO, Hudinilson. **A frase na boca do povo**. São Paulo: Contexto, 2011.
- VAL, M. G. C. **Redação e textualidade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.